

Nenhum homem é uma ilha!*

Parte II: as sociedades médicas podem e devem melhorar a sociedade

Paulo Andrade Lotufo¹

Na edição 02/2017 de “Diagnóstico & Tratamento”, houve posicionamento de que a ação individual dos médicos pode melhorar a sociedade. Elencamos atividades relativas ao diagnóstico (a solicitação de exames sem critério claro, principalmente baseado em novidades do “último artigo” conduz a elevação dos custos nos hospitais públicos e, também, nos planos privados) e tratamento (medicamentos caros em detrimento de outros de ação equivalente e mais baratos). Reforçamos nosso apoio a iniciativas como a “Choosing Wisely”[†] e a “Slow Medicine”[‡] porque aproximam o paciente do médico, aliando empatia e *expertise* científica.

No entanto, nós, médicos, não vivemos isolados. Nossa ação coletiva ocorre em associações, sociedades científicas, sindicatos e nos conselhos ético-profissionais. Estas duas últimas instituições têm atribuições mais delimitadas relativas aos direitos trabalhistas e à aplicação do código de deontologia profissional. Já as associações e sociedades científicas têm pauta mais aberta e ampla, que permite um contato maior com o restante da sociedade.

*“Nenhum homem é uma ilha isolada; cada homem é uma partícula do continente, uma parte da terra; se um torrão é arrastado para o mar, a Europa fica diminuída, como se fosse um promontório, como se fosse a casa dos teus amigos ou a tua própria; a morte de qualquer homem me diminui, porque sou parte da espécie humana. E por isso não perguntes por quem os sinos doam; eles doam por ti”. (Nossa tradução).¹

[†]Como se pode conhecer no site: <https://proqualis.net/choosing-wisely-brasil>

[‡]Como se pode conhecer no site: <http://slowmedicine.com.br/>

A pauta política das associações não pode e nem deve se restringir ao corporativismo, materializado nos Departamentos de Defesa Profissional. Essa nobre e aguerrida atividade, embora seja a mola mestra de instituições como a nossa Associação Paulista de Medicina, não pode ser a atividade exclusiva, como se observa em outras sociedades médicas. Da mesma forma que a defesa profissional não é o foco único das associações, as sociedades científicas de especialidades não devem se restringir à divulgação do conhecimento mais recente relativo à especialidade no formato de congressos e simpósios. Nem todas, mas a maioria tem preocupação com a educação permanente de seus afiliados, e deveriam atuar muito mais na regulação do aparelho formador de especialistas, controlando a qualidade dos programas de residência médica, como a Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia faz há décadas.

O que seria então a ação social de associações e sociedades científicas?

A primeira ação é a defesa do acesso universal à saúde. Uma premissa civilizatória que dispensa proselitismo, exceto nos Estados Unidos da América. A maioria das associações médicas apoia a implementação do Sistema Único de Saúde. Contudo, na maioria das vezes, sem ênfase no princípio da equidade. Ao contrário, sociedades de especialidades aliadas a grupos de pressão tentam, em determinados momentos, exaurir as finanças do Sistema Único de Saúde na política de

¹Professor titular de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Presidente da Câmara de Pesquisa do Hospital Universitário da Universidade de São Paulo. Diretor Científico da Associação Paulista de Medicina 2014-17. Editor das revistas São Paulo Medical Journal e Diagnóstico & Tratamento.

Endereço para correspondência:

Paulo Andrade Lotufo

Centro de Pesquisa Clínica e Epidemiológica, Hospital Universitário, Universidade de São Paulo

Av. Prof. Lineu Prestes, 2.565

Butantã — São Paulo (SP) — Brasil

Tel. (+55 11) 3091-9300

E-mail: palotufo@hu.usp.br

Fonte de fomento: nenhuma declarada — Conflitos de interesse: Nenhum declarado

rol de procedimentos, materializado na adição de exames e medicamentos ainda não suficientemente testados.

A segunda ação é lutar para que todas as melhorias científicas cheguem ao destino de todos os cidadãos por intermédio dos médicos e da mídia em geral. Uma atividade básica é defender as programações de saúde pública como as relativas ao saneamento básico, vacinação gratuita e o controle da poluição atmosférica. A confecção de diretrizes e “consensos” realizada pelas sociedades de especialidade é insatisfatória porque não atinge a maioria dos médicos. Protocolos e diretrizes deveriam ter por princípio a simplicidade no formato e proposições custo-efetivas no conteúdo.

A terceira é se empenhar diretamente em atividades beneficentes e de advocacia com grande impacto coletivo. Raramente se conhecem atividades filantrópicas das organizações médicas, enquanto nos Estados Unidos é quase uma regra das associações, como a “You’re the Cure” da “American Heart Association”.

E, por último, mas não menos importante, as associações médicas precisam manter independência dos poderes republicanos, atuando como fiscais e advogadas das causas relativas à saúde de toda a população.

Realmente, nenhum homem é uma ilha. Melhorar a sociedade é responsabilidade de todos.

REFERÊNCIA

1. Donne J. Meditation VII. The Literature Network. Disponível em: <http://www.online-literature.com/donne/399/>. Acessado em 2017 (31 out).